

FALARA-SE MAIS-QUE-PERFEITO: ESTUDO PRESENTE DO TEMPO PRETÉRITO

Carlos Alexandre V. GONÇALVES¹

- *RESUMO*: Busca-se analisar o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, observando os contextos estruturais condicionadores de seu emprego na língua escrita e na língua falada, a fim de verificar se a forma simples deste tempo verbal está ou não em vias de extinção no português do Brasil.
- *UNITERMOS*: Mais-que-perfeito; língua escrita e língua oral; fatores condicionadores; implementação; mudança.

1. Introdução

Focalizando o pretérito mais-que-perfeito do indicativo no português do Brasil dos dias de hoje, objetiva-se analisar, neste artigo, três questões complementares. Primeiramente, compararemos o emprego desse tempo verbal, nas fontes consultadas, com a recomendação da tradição gramatical, atentando para o fato de como a orientação das gramáticas normativas se relaciona com os usos reais do mais-que-perfeito. Com isso, pretendemos desenvolver um questionamento crítico sobre a prescrição gramatical e as situações concretas de uso do mais-que-perfeito.

Em segundo lugar, focalizaremos os contextos estruturais mais favorecedores à ocorrência de mais-que-perfeito, tentando justificar o porquê de certos contextos condicionarem o emprego deste tempo verbal.

A seguir, testaremos a veracidade da hipótese de que o mais-que-perfeito simples é um tempo verbal em vias de extinção na língua portuguesa, mais precisamente na modalidade falada. Para tanto, utilizaremos amostras de dois tipos: a) de língua oral e b) de língua escrita.

A amostra de língua oral é composta de entrevistas de informantes universitários, considerados como detentores da norma culta, e de informantes não-universitários. Os universitários fazem parte do acervo de fala da amostra NURC e estão distribuídos

1. Departamento de Linguística e Filologia – Faculdade de Letras – UFRJ – 21941 – RJ.

em discursos de dois tipos: a) planejado (discurso formal) e b) não-planejado (discurso informal). O material falado dos informantes não-universitários foi extraído da Amostra Censo da Variação Lingüística (Naro, 1986), acervo caracterizado pela espontaneidade e semi-informalidade de seus registros. Deste acervo, selecionamos seis informantes, distribuídos, de dois a dois, em três grupos de escolaridade: primário, ginásial e 2º grau.

A amostra de língua escrita foi constituída de textos que fossem típicos de discursos narrativos de evento ou biografias de vultos históricos, a fim de que os tempos do passado tivessem maiores possibilidades de ocorrência. Assim, construímos nossos *corpora* de língua escrita com textos: a) de livros de História, de publicação recente; b) de revistas, como a *Veja* e a *Isto é*; e c) de jornais de diferentes seções (economia, política, esportes etc.), visando à correlação entre o emprego do mais-que-perfeito e o grau de oralidade da amostra escrita.

2. Prescrição gramatical e usos reais do mais-que-perfeito

As gramáticas tradicionais, normalmente seguidoras do roteiro oficial (NGB), pouco divergem na caracterização do pretérito mais-que-perfeito. A maioria delas, como a de Cunha (1976, p. 40), afirma que o *pretérito mais-que-perfeito é um tempo verbal de modo indicativo que faz referência a uma ação passada que ocorreu antes de outra ação já passada*. Morfologicamente, ele se estrutura marcado pela desinência modo-temporal /-ra/, com o alomorfe /-re/ na 2ª pessoa do plural. Por outro lado, também há a forma composta, paradigmaticamente conjugada com os auxiliares "haver" e "ter" no imperfeito do indicativo, acrescido do verbo principal no particípio passado. Denominamos, neste artigo, a forma com "ter" de 1º composto e a com "haver" de 2º composto. Vejam-se os exemplos a seguir:

(01) O monólogo tomara-se tão fastidioso que Barbaças se desinteressou. (apud Cunha, 1976, p. 43)

(02) Samuel se aproximou para avisar que o táxi já *tinha* chegado. (apud Cunha, 1976, p. 45)

(03) Samuel me disse que o táxi já *havia* chegado. (apud Cunha, 1976, p. 43)

Por outro lado, prescrevem as gramáticas normativas (cf. Bechara, 1976 e Luft, 1978, por exemplo) que há em português uma outra conjugação perifrástica do pretérito mais-que-perfeito formada pelos auxiliares "ter/haver" no mais-que-perfeito, seguida do verbo principal no particípio passado, como no exemplo (04). A essa construção, chamamos de "duplo mais-que-perfeito".

(04) Quando chegou o capitão, Cipriano já *tivera* partido. (apud Lima, 1976, p. 365)

A tradição gramatical acrescenta, ainda, que o pretérito mais-que-perfeito pode denotar, também, um fato vagamente situado no passado, como em (05), além de ser usado para situar um fato passado em relação ao presente, como em (06), a seguir:

- (05) *Cantara, dançara*, mas no fundo sempre ficara infeliz. (apud Lima, 1976, p. 367)
(06) Eu *viera* para convencê-lo de que ele é seu amigo. (apud Cunha, 1976, p. 445)

Advertem os gramáticos tradicionais (Luft, 1978 e Lima, 1976) que também se emprega o mais-que-perfeito em lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo, como nos exemplos (07) e (08), respectivamente.

- (07) Caía o sol e *fora* sol. (apud Bechara, 1976, p. 140)
(08) *Devera* punir-me a multidão. (apud Bechara, 1976, p. 141)

Sobre os empregos reais das formas simples e compostas do pretérito mais-que-perfeito, as gramáticas nada nos dizem: elas prescrevem um padrão geral e arrolam alguns exemplos esporadicamente encontrados na língua literária, mas de nada informam sobre as diferenças entre as modalidades oral e escrita e diferenças discursivas e de formalidade. Posição contrária à dos gramáticos tradicionais, assume Câmara Jr. (1979, p. 168) acerca de alguns aspectos do pretérito mais-que-perfeito na língua oral: *o perfeito do pretérito coincide, em linhas gerais, com o pretérito-mais-que-perfeito (em que também se marca a conclusão do evento num dado momento passado); por isso o substitui de todo na língua usual, especialmente no Brasil.*

Compararemos nossos resultados com os usos prescritos pelas gramáticas. De fato, todos os dados de mais-que-perfeito simples dos nossos *corpora* são caracterizados pelo emprego mais geral previsto pela tradição gramatical: todos denotam um passado em relação a outro, como em (09), abaixo:

- (09) Machado trabalhava desde muito cedo. *Tomara-se* moço e independente e saíra de casa. (*Grandes Personagens*, 1988, p. 119)

Em (09), a noção de anterioridade em relação a um passado está claramente expressa. Acrescenta-se, por outro, a presença do marcador temporal (o advérbio “desde muito cedo”) reforçando o jogo “denotar um passado em relação a outro”. Porém, não é a sua presença no sintagma que define a noção de anterioridade, uma vez que em (10), a seguir, nenhum marcador adverbial se coloca e, ainda assim, a anterioridade temporal persiste:

- (10) Collor resolveu renegociar com os empresários. *Confirmara* os seus pontos de vista, mas estava aberto à discussão. (*Jornal do Brasil*, 16.7.1992, p. 5)

Se por um lado os dados dos *corpora* corroboram o uso previsto pelas gramáticas como o de maior frequência na língua, por outro, eles nada nos dizem dos demais usos arrolados pela NGB. Sem dúvida, os empregos “especiais” (assim denominados os casos de atenuação de pedidos, substituição por futuro do pretérito etc.) parecem não existir no português atual: são somente específicos de registros literários e nada têm a ver com o uso real do pretérito mais-que-perfeito.

Analisamos, ao lado das construções simples, também os empregos das formas compostas. Em nossos *corpora*, somente encontramos casos de perífrases com *ter* ou *haver* funcionando como auxiliares nas formas que denominamos, respectivamente, de 1º e 2º compostos, o que nos leva à conclusão de que inexistente no português do Brasil de hoje a forma que denominamos de “duplo composto”, tanto na modalidade escrita quanto na falada.

Apenas a título de curiosidade, na amostra de material falado, encontramos casos, como os do exemplo (11) abaixo, em que o *mais-que-perfeito* substitui o futuro do pretérito, transgredindo a norma culta e se desviando da prescrição gramatical. Nesses casos, deveria ocorrer a forma “teria”.

(11) Acho que ele até *tinha me matado*. (SAM (12), p. 24, 1, 935)

3. Contextos condicionadores

Nesta seção, trataremos dos contextos morfossintáticos em que ocorreram as formas do tempo verbal analisado. Assim, os dados foram codificados segundo os tipos de orações e a pessoa gramatical em que se encontravam. Controlamos tanto as formas simples como as compostas, visando a comparar possíveis diferenças e a confirmar a influência de certos contextos estruturais para o emprego da forma simples do pretérito *mais-que-perfeito*.

3.1 Tipos de oração

Utilizaremos as classificações propostas pela NGB para codificar os dados do *corpus* segundo o tipo de oração em que se inseriram. Como nem todos os tipos de orações ocorreram, analisaremos apenas os resultados positivos da quantificação. Vejam-se os resultados na Tabela 1, abaixo:

Tabela 1 – Relação entre os tipos de orações e frequência de pretérito *mais-que-perfeito*

	or. abs.	coord. assin.	coord. sin.	obj. dir.	adj.	sub. cau.	sub. com.	sub. fin.	sub. tem.	or. pr.
1º/2º	104	50	15	14	206	26	10	5	15	49
composto	483	483	483	483	483	483	483	483	483	483
ter/haver	21%	10%	3%	3%	42%	5%	2%	1%	3%	10%
mais-que-	25	8	2	1	50	5	22	1	8	9
perfeito	111	111	111	111	111	111	111	111	111	111
simples	23%	8%	2%	1%	45%	4%	2%	1%	7%	9%

Considerando os números mais salientes da Tabela 1, podemos dizer que os tipos de orações mais condicionadores do tempo verbal que investigamos são, em ordem decrescente, as subordinadas adjetivas e as orações absolutas. Interessante observar o paralelo entre os resultados das formas simples e compostas, o que reforça a relevância do controle desse contexto condicionador.

O mais-que-perfeito marca fundamentalmente a anterioridade de um passado relacionado a outro. Assim, sua presença em orações adjetivas e absolutas se deve ao fato de ele ter um espaço nas narrativas quando se acrescenta, ao relato dos eventos, um marco anterior no tempo. Nesse caso, as orações adjetivas e as absolutas fornecem informações adicionais e não necessariamente essenciais para o desenrolar dos fatos narrados. Vejam-se (13) e (14), a seguir:

- (13) O presidente Fernando Collor assistiu à solenidade de formatura, *que fora marcada por controvérsias*. (*Jornal do Brasil*, 26.7.1992, p. 9)
- (14) Fato interessante foi a descoberta das diretrizes. *No dia anterior já premeditara suas estratégias*. (*Veja*, out., 1992, p. 105)

Através de (13) e (14), pode-se ver claramente que as orações que contêm o pretérito mais-que-perfeito adicionam uma informação paralela ao fio condutor da narração. Desta forma, podemos dizer que o emprego do mais-que-perfeito está correlacionado a certos tipos de orações, justamente pelo caráter de anterioridade/adicionalidade de informações que expressa. Assim, as orações que, por sua natureza, descrevem fatos paralelos ao fio condutor da narrativa são as que, conforme mostram os resultados da Tabela 1, mais se prestam contextualmente ao uso deste tempo verbal.

3.2 Pessoa gramatical

Os resultados da quantificação dos dados, segundo a pessoa gramatical, podem ser observados na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2 – Relação entre pessoa gramatical e frequência de uso do pretérito mais-que-perfeito

	1ª sing.	3ª sing.	1ª pl.	3ª pl.
1ª/2ª composto	62/483 13%	264/483 55%	58/483 12%	99/483 20%
forma simples	17/111 15%	88/111 80%	2/111 2%	4/111 3%

Pela Tabela 2, verificamos o baixo índice de ocorrência de dados referentes à 1ª e à 3ª p. do plural nas formas simples. De um lado, formas como “compráramos” e “discutíramos”, por exemplo, são demasiado “cultas” em relação às formas das demais

pessoas. Além disso, estruturalmente falando, a 1ª p. do plural é mais saliente do ponto de vista morfológico. Por outro lado, no caso da 3ª p. do plural, a neutralização com a forma do pretérito imperfeito (que recebe a mesma desinência que o mais-que-perfeito) parece atuar como agente inibidor de sua ocorrência.

É possível supor-se que por serem menos salientes morfológicamente, uma vez que sua DNP é 0, diferentemente das demais pessoas gramaticais, as formas de 3ª p. do singular no mais-que-perfeito simples sejam mais freqüentes que as demais.

4. Enfim, falara-se mais-que-perfeito?

Buscamos, nesta seção, verificar se realmente o pretérito mais-que-perfeito simples é um tempo em extinção no português do Brasil, especialmente na modalidade falada. Os resultados a que chegamos com a quantificação dos dados podem ser vistos na Tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Relação entre o mais-que-perfeito e o tipo de amostra analisada

	língua escrita	língua falada
1º/2º composto	76/313 23%	170/170 100%
mais-que-perfeito simples	237/313 77%	0/170 0%

Através da Tabela 3, pode-se observar a ausência de dados para a forma simples na língua falada, o que nos leva à conclusão de que este tempo verbal é pouco (ou nada) usado nos dias de hoje. Acrescente-se, ainda, que trabalhamos tanto com informantes ditos “detentores da norma culta” quanto com informantes semi-alfabetizados e, mesmo em *corpora* de fala em que se espera um ajuste maior em relação à norma, nenhuma ocorrência de mais-que-perfeito simples foi registrada, o que nos revela que mesmo em contextos formais – situações de aulas e conferências (Projeto NURC/EF) – não são empregadas as formas simples do mais-que-perfeito.

Resquícios da forma simples no português do Brasil são algumas interjeições, como, por exemplo, “tomara”, em (15) e “quisera”, em (16). Porém, no estágio atual da língua, tais expressões perderam totalmente a noção de tempo verbal nos contextos em que aparecem para exprimir sentimentos e volições. Essas expressões, congeladas pelo uso coloquial da língua, são mais freqüentes em contextos menos formais, aparecendo esporadicamente nos *corpora* do NURC (DID ou EF).

(15) *Tomara* que amanhã ela venha me fazer uma visita. (NIL (12), p. 4, 1. 215)

(16) *Quisera* eu ganhar na loteria! (SAM (06), p. 16, 1. 978)

Ainda com relação aos resultados da Tabela 3, a alta frequência de mais-que-perfeito simples na escrita nos levou a investigar os diferentes tipos de textos em que estas formas apareciam. Como vimos, a amostra de língua escrita é composta de livros, revistas e jornais. Os resultados podem ser vistos na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – Relação entre uso de mais-que-perfeito e grau de oralidade da amostra escrita

	jornais	revistas	livros
1º/2º composto	50/73 69%	53/109 49%	19/131 14%
mais-que-perfeito simples	23/73 31%	53/109 51%	112/131 86%

Através dos resultados da Tabela 4, observamos que o mais-que-perfeito simples ocorre em textos escritos de maior durabilidade, pois eles se ajustam mais às prescrições gramaticais e neles há um distanciamento maior entre a fala e a escrita. Diferentemente, o mais-que-perfeito composto (tanto 1º quanto 2º) ocorre mais em textos de menor durabilidade (sobrevida), uma vez que eles se utilizam de estruturas mais próximas da língua falada. Desta forma, textos com maior grau de oralidade apresentam maiores índices de língua falada. Assim, o mais-que-perfeito simples tende a ocorrer em textos com menor grau de oralidade e maior durabilidade.

5. Conclusão

Com base nos resultados, podemos concluir que não só a forma simples do mais-que-perfeito se encontra em vias de extinção no português falado no Brasil, como na escrita seu uso está condicionado ao grau de estabilidade do texto. Textos que têm grande compromisso com a norma culta se caracterizam por um certo distanciamento da língua falada. Por isso, estão mais fortemente sujeitos ao uso da forma simples do mais-que-perfeito. Por outro lado, essa forma simples aparece, na língua oral, em algumas interjeições estruturadas morfologicamente pelo mais-que-perfeito, como “pudera” e “prouvera”, mas o valor semântico desse tempo verbal inexistente nessas expressões congeladas pelo uso coloquial.

Na escrita, o uso da forma simples está correlacionado, do ponto de vista morfossintático, com as pessoas gramaticais e com os tipos de orações em que ela aparece. Por outro lado, esse tempo verbal, quando empregado, é utilizado no padrão mais geral previsto pelos gramáticos tradicionais. Os casos por eles arrolados como especiais não foram encontrados nos *corpora*.

Os resultados que obtivemos nesta primeira versão do trabalho, ainda que constituam hipóteses e sejam provisórios, são merecedores de maiores reflexões, principalmente no que concerne à suposição de que, em um recorte diacrônico, deparamo-nos com uma mudança em progresso na modalidade falada do português do Brasil. Nesse caso, seriam também testadas variáveis discursivas, bem como outros possíveis fatores condicionadores do uso das formas simples e compostas do mais-que-perfeito.

GONÇALVES, C. A. V. A synchronic study of the plusperfect tense in Brazilian Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v. 37, p. 135-142, 1993.

- **ABSTRACT:** *Our purpose is the analysis of the plusperfect tense of the indicative mood, considering the structural contexts which may condition its employment in written and spoken language in order to check whether in Brazilian Portuguese the simple form of this verbal tense is in course of extinction or not.*
- **KEYWORDS:** *Plusperfect tense; classification; structural conditioning; implementation; linguistic change.*

Referências bibliográficas

- BECHARA, E. *Moderna gramática brasileira*. 21.ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1976.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 18.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1978.
- NARO, A. J. et al. *Subsídios sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1986. (Mimeo.)

Amostras

- AMOSTRA CENSO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA. Acervo de dados do PEUL. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, entrevistas (01), (02), (08), (15), (22), (33) e (46).
- CASTILHO, A., PRETTI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986. v. 1-2.
- GRANDES personagens da História do Brasil. São Paulo: Abril Cultural, 1988. cap. 4-7.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 6-25 jul. 1992.
- VEJA. Rio de Janeiro, n. 1039-40, out. 1992.
- ISTO É. Rio de Janeiro, n. 612-3, out. 1992.